CIDAC
Centro de Documentação
AGOSTO TL 3680

$ 2 Patacas

SERIE 2 ANO 36
No.15 26 JULHO 83
SEXTA-FEIRA

O Clarim
semanário católico

O clarim

DIRECTOR: Pe. Manuel F. Moreira
SUBDIRECTOR: João Severino

MACAU GUANGDONG
- RELACÕES ESTREITAS -

PÁGINA 6

AQUINO
- UM SIMBOLO -

PÁGINA 11

Futebol

O CAMPEONATO NACIONAL VAI COMEÇAR

PÁGINA 13

DOSSIER TIMOR

O ACTUAL GOVERNADOR falou a "O Clarim"

CENTRAIS

DOMINGO

Há poucas coisas que resistem à acção corrosiva do tempo mesmo aquelas que parecem eternas. Tudo se desgasta, muito se banaliza, e algumas chegam mesmo a desaparecer. Até aquilo que tem o selo da intemporalidade, como o amor, ao ser assumido pela limitação do homem, corre o risco que apontámos. E isto para não dizermos que se pode transformar numa mentira, num egoísmo desenfreado o que é, na nossa opinião, muito pior. Basta ver o emprego que a palavra, que caracteriza a mais bela das realidades, tem nos lábios de tanta gente. Passou a ser nota falsa, cheque sem cobertura com que se paga a possibilidade da satisfação do egoismo.

De vez em quando saem da circulação certo tipo de notas que são substituidas por outras novas, assumindo estas o valor das antigas. Pode ser isso também uma forma psicológica de fazer sentir o dinheiro mais valorizado, ainda que tal não aconteça.

Propomos que a palavra empregue para designar a mais bela das realidades-o Amor — seja também substituida. É que a palavra antiga tornou-se tão ambígua, que nos suscita desconfiança e tão banal, que nos dificulta o sabermos quando tem ou não conteúdo o conceito que ela exprime. Ponha-se a circular a palavra ACOLHIMENTO, que nos livra de ambiguidades e valoriza o conteúdo que a anterior exprimia. É que aqui não cabem egoísmos, nem mentiras. Acolher significa amar até ao fim, permitindo que o outro, na sua realidade, tal qual é, possa entrar dentro da nossa vida. Quem acolhe não espera nada para si. No entanto, tudo recebe em recompensa, porque na generosidade total está a recompensa total. Não é no acolhimento que a vida é possível? Não é a Vida o maior dom do AMOR? A natureza que acolhe a semente oferece-lhe o dom do fruto; a vida é gerada na mulher que acolhe generosamente no seu seio o amor do homem; pelo acolhimento total da realidade pecadora do homem, Cristo operou nele a Redenção.

Propomos a mudança da palavra, para salvar a realidade que ela quer significar. Seja, então, ACOLHIMENTO o nome novo do Amor.

"O CLARIM" É UM JORNAL DE MACAU HÁ 35 ANOS E APENAS PARA SERVIR MACAU E A SUA DIOCESE

"SOU GOVERNADOR PORQ

"O Clarim" continua esta semana a proporcionar aos seus leitores a realidade vivida em Timor durante duas semanas do passado mês de Julho. Um trabalho do nosso Subdirector.

Hoje publicamos uma entrevista que nos foi concedida em Dili, pelo actual Governador de Timor, Eng. Mário Carrascalão. A entrevista é apresentada tal como foi extraída do registo magnético. O Governador de Timor é por natureza avesso a entrevistas, pelo qual experimentámos algumas dificuldades na obtenção de uma troca de impressões, o que se veio a verificar pelo facto de existir uma relação familiar entre o nosso Subdirector e o Eng. Mário Carrascalão, pois são cunhados.

O Eng. Mário Carrascalão nasceu em Dili e licenciou-se em Sivicultura, no Instituto de Agronomia, tendo a sua tese sido publicada pelo próprio Instituto, servindo hoje de livro de estudo dos alunos daquele estabelecimento superior de ensino.

Seu pai, Manuel Viegas Carrascalão foi o primeiro Secretário-Geral da CGT (Confederação Geral do Trabalho), não confundir com Intersindical. Fundador da maioria dos Sindicatos hoje existentes em Portugal e deportado para Timor, após um atentado contra o Professor Salazar. Manuel Carrascalão deixou 12 filhos, entre eles, o actual Governador de Timor, fundador em 1974 da União Democrática Timorense, Partido formado a partir da única organização contestatária existente em Timor antes do 25 de Abril – o MORELTI – Movimento Revolucionário para a Libertação de Timor. A UDT preconizava a indepedência de Timor a longo prazo, mantendo-se até essa data os laços com Portugal. Em 1975 após a guerra civil com a Fretilin, e após o abandono da soberania portuguesa do território, a UDT assinou um protocolo em que pedia a integração de Timor na Repúblcia da Indonésia. O Eng. Mário Carrascalão esteve alguns anos nas Nações Unidas, como elemento integrante da representação indonésia até que em Dezembro de 1982, após eleições realizadas em Timor é eleito Governador.

«COMO 'LÍDER' QUE FUI DE UM DOS PARTIDOS TIMORENSES QUE ARRASTOU ESTE POVO PARA A SITUAÇÃO DIFÍCIL EM QUE SE ENCONTROU HÁ ANOS ATRÁS, ENTENDI QUE ERA MINHA OBRIGAÇÃO DEIXAR TODOS OS MEUS INTERESSES PARTICULARES E DEDICAR-ME INTEIRAMENTE AOS INTERESSES DA MAIORIA DO POVO TIMORENSE».

– declarou a "O Clarim" o Eng. Mário Carrascalão

– Ao falar-se de Timor obrigatoriamente coloca-se a questão da actual situação politico-administrativa. Até que ponto se pode considerar hoje em dia a integração de Timor na República da Indonésia como um facto consumado?

– "A intergração de Timor na República da Indonésia foi feita de acordo com todo um processo que tem sido negado por vários países, até à data constituindo a maioria, cujo processo se inseriu no articulado sobre a autodeterminação dos povos. O processo iniciou-se com a eleição dos membros para a Assembleia Popular de Timor, a qual veio a decidir que Timor fosse integrado na República da Indonésia. É bom frizar, quando se fala no processo de integração, que as eleições levadas a cabo em Timor não foram presenciadas por delegados oficiais das Nações Unidas, porque as próprias Nações Unidas assim o entenderam. Eu próprio, desloquei-me a Nova Iorque a fim de convidar os elementos do Comité dos 24 e de dar conhecimento ao Presidente do Conselho de Segurança. Por razões que desconheço, os membors das Nações Unidas não compareceram ao acto eleitoral. Por tal facto, se lamenta que haja alguém a afirmar que o processo não é válido, justificando que o mesmo não foi testemunhado por elementos das Nações Unidas. De qualquer forma não existe no mundo, hoje em dia, quem possa decidir para que o processo volte ao seu início."

GUERRILHEIROS DISPOSTOS A NÃO LUTAR

– No entanto, no estrangeiro continua a assumir-se a posição de que a resistencia por parte da Fretilin representa a contestação a esse processo? E qual é a situação actual dessa resistência?

– "A Fretilin como movimento, como organização em território de Timor deixou de existir. Existem sim, grupos dispersos de indivíduos em número reduzido que estão instalados em locais inacessíveis e que não mantém qualquer ligação mútua. Ao ponto de eu já ter recebido correspondência de um Chefe desses grupos, a indagar do paradeiro do seu Comandante. Como é do conhecimento geral tive oportunidade de me encontrar com o principal chefe desses grupos, a quem chamam Comandante Gusmão, na minha capacidade privada e não como Governador. A minha intenção ao responder à sua iniciativa de solicitar-me um encontro pessoal foi baseada em sentimentos humanos, por saber que se encontravam inactivos nas montanhas a aguardarem a melhor oportunidade para se entregarem, desde que lhes fossem garantidas medidas de segurança, devido ao receio de retaliações por parte da população que não esquece os crimes cometidos nos anos passados. No meu encontro com os guerrilheiros foi-me participado que já não estavam dispostos a lutar e que estariam na disposição de fazer todos os sacrifícios para que a paz permanecesse para sempre. Eu respondi-lhes que nada teriam a temer, porque a sua segurança seria mantida pelo Governo e também lhes disse que se dicidissem juntar-se a nós, dar-lhes-ia as mesmas oportunidades que tenho dado a outros que já se renderam, podendo mesmo virem a ocupar locais de trabalho, cuja importância hierárquica seria proporcional às aptidões. A verdade é que desde esses contactos nunca mais houve qualquer problema militar e da minha parte. como lhes disse, mais nada farei até que me apareçam na cidade e se quiserem no meu gabinete que todas as Sextas-Feiras está aberto a todo o povo."

– Como é isso?

– "As Sextas-Feiras qualquer pessoa que deseja apresentar o seu problema é recebido por mim, sem protocolo algum. Há dias paguei do meu bolso a conta da electricidade a uma mulherzinha que tem uma ninhada de filhos."

"O ÚLTIMO TIRO FOI DISPARADO EM JANEIRO"

– Mas, de facto terminou a resistência armada?

– "Posso dizer-lhe que o último tiro foi disparado em Janeiro. Uma vez que a resistência terminou, havia apenas que se conversar e chegarmos à conclusão de vivermos juntos. Contudo está nas mãos deles decidirem juntar-se a nós ou continuarem no mato até ao dia em que for determinado que ninguém poderá viver à margem da lei."

– Muito se tem falado dos prisioneiros da Ilha do Ataúro. Ora, se a guerrilha terminou qual o futuro dessa gente?

– "Esses indivíduos foram enviados para o Ataúro muito antes da chamada Fretilin ter acabado como organização. Uma vez que deixou de haver qualquer actividade militar em Timor, decidiu-se que todos aqueles que para ali foram deslocados, regressassem às suas terras. O número situava-se em 5 mil. Há cerca de dois meses regressaram 2 mil e no mês passado (Junho) coube a vez a mil e quinhentas pessoas. Os restantes voltarão às suas casas até ao fim do ano."

– Sr. Governador, qual tem sido a ocupação dos elementos da Fretilin que se têm rendido às autoridades?

– "Todos os indivíduos que se juntam à comunidade deixam de ser classificados como "Fretilin's", "UDT's" ou de outro qualquer partido. Todos esses cidadãos que passaram a viver de acordo com as leis que vigoram neste país, têm iguais direitos e até é muito frequente observar-se muitos antigos "Líderes" da chamada Fretilin a ocuparem cargos do Governo actual. E a prova mais evidente de que têm sido integrados na vida provincial situa-se no facto de existir um Batalhão do Exército, composto na sua maioria por antigos combatentes da chamada Fretilin e as autoridades militares têm feito um esforço enorme para travar o ímpeto desses antigos combatentes, os quais desejavam eliminar a própria organização e liquidar os próprios amigos e colegas com quem juntamente lutaram, por considerarem que estes os enganaram."

"O NÚMERO DE CATÓLICOS TEM AUMENTADO"

– Sente que o poder militar exerce um poder paralelo ao seu?

– "Anteriormente à minha posse, em Dezembro de 1982, aceitando ser Governador porque o povo me elegeu, não tive um conhecimento profundo do que se passou aqui em Timor. O que lhe posso dizer é que até este momento da minha governação não senti qualquer outro poder a sobrepor-se às minhas directrizes."

– Timor, para além de si, é governado por cidadãos indonésios?

– "A essa pergunta posso responder que todos os Chefes das Aldeias, Chefes de Posto, Administradores de Concelho são timorenses. Muitos Chefes de Serviços são timorenses e se alguns lugares não são ocupados por timorenses é porque lamentavelmente muitos timorenses com grande capacidade obtaram por um refúgio extemporâneo no estrangeiro."

– Sendo a República da Indonésia um país com uma maioria populacional afecta à religião islâmica, qual a posição do Governo de Timor relativamente à Igreja Católica que neste território detém a maioria dos crentes?

– "Como sabe, na República da Indonésia são reconhecidas várias religiões e todos os grupos religiosos têm iguais direitos. A posição do Governo Central em todo o país rege-se pela protecção à religião que detém a maioria em determinado lugar, ao ponto de não permitir a construção de 'mesquitas' onde a maioria fôr católica, como é o caso de Timor. Note-se que apesar do Governo de Timor estar separado da Igreja, somos os primeiros a afirmar que o número de católicos tem aumentado cada vez mais e que os mesmos têm contado com a juda do Governo."

– Uma outra questão. A que se deveu a recente visita dos Parlamentares australianos? E estes participaram-lhe as suas impressões?

– "Eu recebi uma comunicação do Governo Central, de que a convite do Parlamento indonésio se deslocariam a Timor alguns Parlamentares australianos, a fim de observarem as realidades aqui existentes. Esses ilustres visitantes observaram livremente os diversos locais de Timor, conversaram com quem desejaram e durante o encontro que mantivémos, manifestaram-me a sua surpresa pelo desenvolvimento e pelo ambiente de paz que aqui se vive. De realçar, que a conclusão a que chegaram no respeitante à paz, resultou da verificação cabal que fizeram em todas as zonas, que os elementos da chamada Fretilin no estrangeiro diziam controlar e administrar. Tiveram oportunidade de constatar que de Fretilin nada existia."

– A não ser o encontro havido na estrada entre Baucau e Los Palos?

– "Esse encontro considero-o natural porque hoje em dia toda a gente pode circular livremente no território. E creio, que eram indivíduos que há tempos já se tinham juntado à Administração local, mas que mantém as suas ideias contrárias à integração."

O INTÉRPRETE DOS PARLAMENTARES AUSTRALIANOS ERA SIMPATIZANTE DA FRETILIN

,UE O POVO ME ELEGEU"

— A Delegação australiana deslocou-se acompanhada de militares?

— "Não. Apenas foram acompanhados por elementos do protocolo, pelo Chefe do Parlamento local e por um intérprete afecto à ex-Fretilin, o escritor português Inácio de Moura, o qual foi escolhido pela Delegação entre vários nomes apontados pelo nosso Governo."

— Falou-nos em desenvolvimento. Quais são as suas prioridades?

— "O apoio à agricultura, habitação social e indústria. O apoio à agricultura servirá para que nunca mais se verifiquem necessidades na alimentação do povo."

O Governador de Timor apadrinha um Baptizado

— Necessidades essas, que se verificaram no passado. Houve fome em Timor?

— "É certo que até 1980, o povo experimentou grandes dificuldades alimentícias, mas não nos devemos esquecer que as milhares de pessoas que desceram das montanhas em 1979, era um povo que se apresentou em condições de saúde muito precárias, incapacitado de produzir algo e que ficou a depender apenas da alimentação fornecida pelo Governo de então."

" QUEM ESTÁ AUSENTE DE TIMOR NADA DEVE TEMER PORQUE OS SEUS HAVERES ENCONTRAM–SE SALVAGUARDADOS"

— Qual é a posição do Governo de Timor em relação às propriedades, imóveis e outros haveres de cidadãos portugueses?

— "Tudo se encontra intocável. O problema é este. Actualmente não existem relações diplomáticas entre o Governo Português e o Indonésio. Todo o contencioso administrativo existente ente as duas partes ainda não pode ser resolvido. Para evitar problemas futuros, o Governo decidiu que todas as propriedades pertencentes a pessoas que se encontram no exterior, passassem a estar sobre o nosso controle, para evitar que oportunistas aparecessem a reivindicar essas propriedades. Estamos a preparar uma lei que regulará o estatuto legal dessa matéria e um dia que Portugal e a Indonésia resolverem discutir tais problemas, o Governo de Timor terá disponibilidade para fornecer os dados para a solução desses problemas. Quem está ausente de Timor nada deve temer porque os seus haveres encontram-se salvaguardados."

— Diga-nos uma coisa. A cultura portuguesa é uma realidade enraizada em Timor, como resultante da presença colonial de muitos anos. Estarão as autoridades indonésias interessadas na manutenção dessa cultura?

— "O Governo Indonésio sempre seguiu o princípio de aproveitar todos os aspectos positivos dos poderes coloniais, quer o Holandês como o Português. Nesse aspecto, posso afirmar, contrariamente ao que se diz lá fora e o senhor pode confirmar, que a língua portuguesa nunca foi proibida e que a própria língua indonésia foi enriquecida com palavras portuguesas. Da nossa parte não existe qualquer intenção em apagar o que os portugueses deixaram. Estou convencido que se o Governo Português fosse suficientemente corajoso para encarar a actual realidade de Timor, o Governo Indonésio aceitaria o incremento da cultura portuguesa de uma forma activa, activa por exemplo, na instituição da língua portuguesa como disciplina facultativa em todos os cursos do ensino. O que a Indonésia não aceita é que Portugal venha discutir o estatuto político de Timor. Lembrem-se sempre que em 1975 os portugueses nos abandonaram. Trata-se de um caso irreversível."

— O que significa para si Governar Timor, como parte integrante da Indonésia, tendo a seu lado como esposa uma cidadã portuguesa?

— "O facto da minha mulher ser portuguesa, nascida em Abrantes, ela nunca se esqueceu que eu era timorense. Nunca decidimos nada separadamente. O trabalho que ela hoje desenvolve em prol do povo timorense, poderia estar a ser feito na companhia de muitas mulheres timorenses que em vez de ficarem em Timor a arcar com as responsabilidades optaram pelo abandono, em alguns casos, dos maridos e filhos. Note ainda, que o povo timorense sempre considerou a minha mulher como sua irmã'"

— Com se considera a si próprio, nesta posição?

— 'Eu penso que à frente dos destinos do povo timorense só poderá estar uma pessoa verdadeiramente humana. Como 'líder' que fui de um dos Partidos timorenses que arrastou este povo para a situação difícil em que se encontrou há anos atrás, entendi que era minha obrigação deixar todos os meus interesses particulares e dedicar-me inteiramente aos interesses da maioria do povo timorense."

— Vai continuar a estar todos os dias no gabinete de trabalho das sete horas da manhã até às dez da noite, sem almoçar?

— 'E se fôr preciso, ainda estarei mais horas!

João Severino

NOTA DA REDACÇÃO

Relativamente a uma carta dirigida ao Director de "O Clarim", que espantosamente vimos publicada no "Correio de Macau", da autoria do Sr. João Murinello, gostaríamos de esclerecer este cidadão, desempenhando, na verdade, funções no Gabinete de Comunicação Social, e naturalmente os leitores interessados, de que aquela carta, que pretende ser sensacionalista e levantar polémica barata, não alcançou as seus fins porque ainda nos regemos pelos princípios da ética jornalística e porque os leitores pretendem do jornal algo mais do que "lutas de galos".

Mais para os leitores do que para o Sr. João Murinello vamos apenas contar o que se passou.

Na quinta-feira de manhã, dia 18 deste mês, o Sr. João Murinello telefonou para a Redacção de "O Clarim" a avisar o nosso Subdirector João Severino de que ia enviar uma contestação do que ele, João Severino, havia publicado no nosso jornal sobre Timor, perguntando se lha publicaríamos. "Naturalmente que sim" — respondeu João Severnio —" Só que, se quiser que seja publicado ainda no número desta semana, mande-o da parte da manhã porque senão só sairá na próxima semana".

Esperou João Severino toda a manhã pelo artigo de Sr. João Murinello que chegou à redacção às 12H15 e às mãos do subdirector, que se encontrava nas instalações da "Gazeta Macaense" a paginar o jornal, pelas 15 horas. Nessa altura a disponibilidade de composição da "Gazeta Macaense", em exclusividade, para o nosso jornal, não permitia que a carta do Sr. João Murinello fosse composta, revista e paginada. Note-se, igualmente, que pelo mesmo motivo e por falta de disponibilidade de tempo, o nosso subdirector não poderia elaborar uma resposta condigna à missiva enviada. Aliás, o próprio Sr. João Murinello concordou, caso se verificasse o que atrás referimos, em que publicássemos a carta na semana seguinte. Se o Sr. João Murinello não acredita que os serviços de composição da "Gazeta Macaense" encerram para o nosso jornal ao meio-dia todas as quintas-feiras, apenas remetemos o Sr. Murinello para a Administração da "Gazeta Macaense", a fim de esta lhe mostrar o contrato assinado com a Diocese de Macau. No que concerne às notícias publicadas, vindas do G.C.S ao fim da tarde de quinta-feira, esclarece-se que as mesmas foram cedidas pela "Gazeta Macaense", após este jornal as ter composto para seu uso. E assim foi, por se tratar da mais importante notícia da semana — a vinda do Presidente do Governo de Guangdong. Neste particular estranhamos muito que o Sr. João Murinello, que trabalha no G.C.S., possa pensar que a sua carta era mais importante que a significativa visita de tão alta individualidade.

Além disso causa-nos igual estranheza, o facto de o Sr. João Murinello, tão apressado em ver a sua contestação nas páginas de "O Clarim", não ter podido sequer esperar pelo número seguinte, e só conteste na quinta-feira, quando o motivo da sua contestação tinha sido publicado na sexta-feira da semana anterior, pois é às sextas que sai o nosso jornal. Será que esteve tanto tempo hesitante para se resolver à última da hora? Admitimos que o não pudesse ter feito antes. Admita, democraticamente, que não lho pudemos publicar naquele número de "O Clarim", uma vez que havia a promessa formal de ser publicado no seguinte, era só uma questão de esperar mais uma semana.

O facto de João Severino sugerir ao Sr. João Murinello (repare-se no verbo em condicional) deixar terminar o "dossier" Timor para depois este o contestar convenientemente não significa querer impedir alguém de exprimir a sua opinião quando o ache oportuno. Era uma mera sugestão, que o Sr. João Murinello ridiculariza, não sabemos bem porquê.

Achamos estranho que o Sr. João Murinello não saiba escrever uma carta sem, directa ou indirectamente, atacar pessoas e no tom em que o fez. Este Jornal enviou o seu Subdirector a Timor para colher informações sobre o Povo Timorense e a Igreja de Timor. Aquilo que ele viu e relatou só tem três hipóteses: ou é verdadeiro, ou é falso, ou é verdadeiro nuns aspectos e falso noutros. Em qualquer destas três hipóteses o caminho a seguir pelo Sr. João Murinello era aprovar, contestar ou corrigir o que não fosse verdadeiro, mas democraticamente como quem sabe expôr a verdade que lhe parece possuir. Demonstrava-a depois e nós ficar-lhe-íamos sumamente gratos por o ter feito. Agora vir chamar à Direcção do Jornal "O Clarim" e à Igreja de Macau, da qual procura ser porta voz "os novos amigos da Indonósia" cremos, no mínimo, que foi descabido. Sabemos que o visado era, fundamentalmente João Severino, mas nele deposita a Igreja de Macau, pela pessoa do Sr. Bispo, inteira confiança como jornalista, por isso nos sentimos todos visados com o epíteto.

Talvez o Sr. João Murinello não compreenda o que lhe vamos dizer, por estar, talvez, um pouco longe das coisas da Igreja, mas a respeito de Mons. Martinho Lopes, já se perguntou porque é que o Papa João Paulo II achou por bem substitui-lo colocando no seu lugar Mons. Ximenes?

Esta Nota vai muito extensa, mas não queríamos terminar sem dizer ao Sr. João Murinello que o nosso jornal tem as suas páginas ao dispor para todas as discordâncias dos seus leitores a respeito do que nele se publica. Faça-o quando achar conveniente, com verdade (demonstrada!) porque nestas páginas só a verdade tem cabimento. E a propósito, o nosso Subdirector recebeu cerca de 12 cartas elogiando o seu trabalho em Timor e não publicou nenhuma.

E quanto ao sermos "amigos da Indonésia" não vamos dar ao epíteto muito crédito, ainda que nos tenha ferido. Ficaríamos muito mais magoados se nos colocasse entre aqueles portugueses que em — 75 desertaram, atraiçoando um povo que não tem culpa da nossa cobardia. Hoje a Igreja continua em Timor a servir, como ontem o fez, o povo timorense. Não se admirem de ouvir dizer que os católicos aumentam. É que o povo de Timor já vai percebendo quem são verdadeiramente os que lhe querem bem.